

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2008

## EURÍPIDES, O MAIS TRÁGICO DOS POETAS (V)

### O cidadão desiludido em busca de um ideal

Apesar de profundamente crítico do processo por que Atenas passava nesta segunda metade do séc. V a. C., em termos políticos e sociais, Eurípides não deixou, mesmo assim, de rasgar um raio de esperança e de futuro. Esse retratou-o em almas jovens e delicadas, por essas mesmas características tendencialmente femininas, as únicas capazes ainda de um gesto de generosidade magnânima. E que maior generosidade pode um ser humano demonstrar do que aquela que equivale ao desprendimento da própria vida? São vários os exemplos eurípidianos destas figuras – Macária em *Heraclidas*, ou Meneceu em *Fenícias* representando exemplos expressivos. Mas nenhum, dentro das peças conservadas, tem a amplitude que é dada ao caso de Ifigénia, a cujo sacrifício o poeta dedicou uma peça completa, a *Ifigénia em Áulide*.

Em vez de um adivinho, a revelação da exigência de morte é agora verbalizada perante o público pelo próprio pai da vítima, Agamémnon, o chefe supremo dos Aqueus em Áulide, na iminência da partida para Tróia. O oráculo que o submerge – a exigir-lhe o sacrifício de Ifigénia em troca do direito de partir - atinge-o não tanto como um castigo divino, a punir uma imprudência ou excesso; é antes o preço cobrado a um homem poderoso pelo mais ousado dos seus projectos; tem portanto motivos essencialmente políticos. E não se trata, mesmo neste plano, de uma situação exigente, como a de salvar uma comunidade em perigo, mas sim de satisfazer um sonho de poder e de ambição. Logo o dilema de Agamémnon, que se lhe coloca sobretudo num plano pessoal, divide-o entre o amor de pai pela sua primogénita, a preferida entre os seus filhos, e o orgulho do chefe que teme pelo prestígio da sua autoridade.

Revestido de um poder incontrolável para a sua natureza fraca e hesitante, o Atrida divide-se em reacções contraditórias, de acordo com as pressões externas que o vão condicionando. Primeiro é Menelau, também ele por dentro do segredo do oráculo, que lhe vence a relutância e o força a atrair a vítima ao acampamento com uma falsa promessa de casamento;

depois a revolta íntima de um pai, estimulada pela insónia, que o leva a retroceder perante o horror que lhe é exigido; por fim um reencontro violento entre os dois irmãos, que vem revelar a debilidade e insegurança que dão corpo ao ‘herói’ de Micenas. Mas é deste carácter invertido que depende a sorte de Ifigénia.

Uma simples carta tresmalhada colabora com a necessidade de decisão, trazendo a vítima a Áulide, à própria armadilha tecida pelo progenitor; com ela chegam a mãe, Clitemnestra, e o irmão, Orestes, muito criança ainda, para o que parece ser uma festa de família, os esposais da primogénita da casa de Micenas. Reabrem-se para Agamémnon todas as tormentas; como encarar as fatais recriminações de Clitemnestra? Ou a emoção que não deixará de lhe causar a fragilidade atemorizada de Ifigénia? Ou os gritos, inconscientes ainda, mas assustados, de Orestes ao colo da mãe?

Uma última e imprevista mudança de atitude em Menelau, expressa por uma estranha palavra de capitulação e desistência, qualquer que seja o seu motivo íntimo, tem pelo menos uma intenção dramática clara: a de deixar a decisão final, por inteiro, nas mãos do senhor de Micenas, pai de Ifigénia. E ei-lo que decide, com a teimosia dos fracos, pelo sacrifício como por um desfecho inevitável.

O grande climax da peça acontece no momento que aproxima pai e filha, carrasco e sua vítima. A dificultar ainda mais a tensão da cena, Ifigénia comporta-se com a espontaneidade sincera de uma filha amada, que, depois de uma longa ausência, reencontra o progenitor. Beijos e abraços cavam mais fundo a hipocrisia de um encontro, que esconde uma tremenda decisão: à alegria descuidada da vítima, que se mantém por longo tempo alheia ao destino que a espera, corresponde a crueldade que resulta do facto de aquele em quem ela deposita uma confiança cega ser também o seu carrasco.

Desfeito o equívoco por intervenção de um velho servo no segredo da cilada, a decisão resultará de uma cena profundamente patética, em que os seus pais discutem, perante o olhar apavorado da jovem, da sua vida ou morte. De rosto no chão, os olhos baixos, a sustentar nos braços o pequeno Orestes, uma nova Ifigénia, sofrida, assiste a este tribunal improvisado. Desmascarado agora nas suas ocultas e mesquinhas intenções, por uma Clitemnestra impiedosa, Agamémnon tem ainda de escutar as súplicas da filha, a recordação de afectos nesta circunstância estranha e espinhosa. Porque profundamente humana, Ifigénia não adere de imediato a uma condenação. Naturalmente apegada à existência, ela reage e recusa a morte. Mas a tudo Agamémnon resiste, com o argumento da responsabilidade do

---

chefe, escondendo objectivos claramente pessoais, sob a capa mais nobre dos interesses e da segurança da Grécia. Porque tardia na ponderação que o vimos fazer, esta preocupação não parece mais do que um argumento para dar uma capa de nobreza ao que é, afinal, um crime.

Mas eis que Ifigénia, perante vagos movimentos de defesa que se vão gerando em sua volta, desperta para o martírio e para a heroicidade que ele exige. Às palavras fictícias, ela opõe razões de generosidade e de ideal; nos argumentos falsos com que seu pai defendia uma guerra de ambição, ela descobre um objectivo superior ao simples encanto de viver. No cadinho da generosidade intocada de uma alma jovem, por milagre de um amor incólume pela pátria, ambição transforma-se em altruísmo, falsidade no brilho de uma sinceridade sem medida. A Ifigénia cabe, portanto, a glória, que só uma verdadeira *arête* proporciona; como são raras e profundamente expressivas as palavras com que exprime a doação da própria vida, saídas de uma adolescente como lição suprema à responsabilidade dos cidadãos.

### *Ifigénia em Áulide 1375-1386*

ΙΦΙΓΕΝΕΙΑ – Καθθανεῖν μὲν μοι δέδοκται. Τοῦτο δ' αὐτὸ βούλομαι  
 εὐκλεῶς πράξει παρείσά γ' ἐκποδῶν τὸ δυσγενές.  
 Δεῦρο δὴ σκέψαι μεθ' ἡμῶν, μήτηρ, ὡς καλῶς λέγω.  
 Εἰς ἔμ' Ἑλλάς ἡ μεγίστη πάσα νῦν ἀποβλέπει,  
 κὰν ἐμοὶ προθμός τε ναῶν καὶ Φρυγῶν κατασκαφαί,  
 τὰς τε μελλούσας γυναῖκας, ἦν τι δρώσι βάρβαροι,  
 μηκέθ' ἀρπάζειν ἔαν τούσδ' ὀλβίας ἐξ Ἑλλάδος,  
 τὸν Ἑλένης τείσαντας ὄλεθρον, ἦν ἀνῆρπασεν Πάρις.  
 Ταῦτα πάντα καθθανοῦσα ῥύσομαι, καὶ μου κλέος,  
 Ἑλλάδ' ὡς ἠλευθέρωσα, μακάριον γενήσεται.  
 Καὶ γὰρ οὐδέ τοι τί λίαν ἐμὲ φιλοψυχεῖν χρεῶν.  
 Πᾶσι γάρ μ' Ἑλλησι κοινὸν ἔτεκες, οὐχὶ σοὶ μόνῃ.

*Morrer é, para mim, uma decisão tomada. Mas essa mesma morte quero convertê-la em glória, redimida de qualquer toque de mesquinhez. Ora considera comigo, mãe, como tenho razão. É sobre mim que essa imensa Grécia, toda ela, tem os olhos postos neste momento, é de mim que depende a partida da armada, a derrota dos Frígios e a sorte futura das mulheres. Os bárbaros, mesmo se o pretenderem, não terão como raptá-las do solo venturoso da Hélade, depois de terem expiado a perda de Helena, raptada por Páris. São estas as infelicidades que a minha morte evitará; assim a*

*fama que ganho de libertadora da Grécia será para todo o sempre abençoada. Por isso não posso agarrar-me demais à vida. Foi para a Grécia inteira que me deste à luz, não apenas para ti própria.*

M. F. S. S.